

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins Design gráfico: Flatland Design

AAP-ISBN: 978-972-9451-89-8 CITCEM-ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).











Apoio



Índice

15 Prefácio José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)

 Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa? Rui Gomes Coelho
- Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004 Vítor Oliveira Jorge
- Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal Jacinta Bugalhão
- Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes

 João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- Os memoráveis? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto marca
 Frederico Agosto / João Silva
- A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas Tiago do Pereiro
- Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde José Paulo Francisco

- Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal) Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis

 Ana Cristina Ribeiro
- A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto Origens, Percursos e Estudos Sónia Couto
- 251 Valpaços uma nova carta arqueológica Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo Cátia Neto
- Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial

 José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo! Ana Paula Almeida
- A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico

 Luís Serrão Gil
- 363 Arqueologia 3.0 Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável Mónica Rolo
- "Conversa de Arqueólogos" Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia Diogo Teixeira Dias
- Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)

 Rita Gaspar

- Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)

 Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático Lídia Fernandes
- Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia Rita Pires dos Santos
- O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia Eduardo Gonzalez Rocha
- Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal Mila Simões de Abreu
- O projeto FIRST-ART conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto
 PalæoCôa
 André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa Mário Reis
- Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)

 Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009 Mário Varela Gomes
- Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
 Daniela Cardoso
- Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG

 Daniela Maio
- A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I

 Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo Jorge de Oliveira
- Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo Maria de Jesus Sanches
- O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)

 João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
 Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes /
 João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal) César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa. Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja) Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território

 João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
 Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
 Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
 Rafael Lima
- O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
 António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
 Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves /
 Emílio Abad-Vidal
- A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
 Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- Do Bronze Final à Idade Média continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis

 João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)

 Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
 António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde Rui Pinheiro

O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto

Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga

Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação Pedro Brochado de Almeida
- Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado

Nuno Oliveira / Cristina Seoane

- Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro

 Daniela Ferreira
- Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança? João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves José Carvalho
- Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) Uma exploração agrícola romana do Douro Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica

 Lara Fernandes / Manuela Martins
- Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação

 Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização Paulo André de P. Lemos
- A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico

 Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia) Rui Ramos
- Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide Lisboa Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora resultados de um projeto pluridisciplinar Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso Filipe Sousa / Catarina Felício
- O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de Mirobriga
 (Santiago do Cacém)
 Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 Balsa, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro) Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016 Laura Sousa / Teresa Soeiro
- Ritual, descarte ou afetividade? A presença de Canis lupus familiaris na Necrópole
 Noroeste de Olisipo (Lisboa)
 Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
 Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia) Joaquim Filipe Ramos
- Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia Virgílio Lopes

8. Época Medieval

Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média Rosa Varela Gomes
- Yábura e o seu território uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela resultados preliminares da escavação arqueológica Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica

 Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão Ana Maria da Costa Oliveira
- Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
 Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- "Portucalem Castrum Novum" entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)

 João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense Susana Temudo
- Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal

 Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média Pedro Azevedo
- Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
 Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa Martim Lopes / Tomás Mesquita

- Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
 Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- «Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde) Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa) Carlos Boavida
- Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)

 Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa

 Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal dos objetos às superstições: o coral vermelho Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI Eva Pires
- «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)

 Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
 Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia Francisco Raimundo
- As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
 José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde):
 reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
 André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca /
 Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie /
 Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima /
 Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
 Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO NOS AÇORES O CASO DA ILHA DO FAIAL

José Luís Neto¹, José Bettencourt², Luís Borges³, Pedro Parreira⁴

RESUMO

Sendo o arquipélago dos Açores um dos palcos pioneiros da arqueologia subaquática, em contexto nacional, a ilha do Faial foi uma das mais intervencionadas, nesse âmbito, ao longo das últimas duas décadas, tendo produzido importantes contributos para o estudo das embarcações da Época Moderna que por ali passaram. Recentemente, esforços conjuntos entre as entidades institucionais e investigadores de instituições académicas permitiram estabelecer novas estratégias de promoção desse património cultural subaquático, e enquadrá-lo numa rede de valorização internacional, que beneficia a sua proteção e a sua ativação, enquanto ferramenta de crescimento socioeconómico da Região. Propõe-se, presentemente, apresentar esses desenvolvimentos e deixar alguns contributos para o estudo e gestão do património cultural subaquático em Portugal.

Palavras-Chave: Arqueologia subaquática, Arqueologia nos Açores, Gestão do património, Promoção do património cultural.

ABSTRACT

Considering the Azores archipelago was one of the pioneer stages of underwater archaeology, on the Portuguese reality, the island of Faial was one of the more intervened, over the last two decades. These archaeological works have produced new contributes towards studying ships from the Early Modern Age, that crossed the Atlantic. Recently, joint efforts between governmental authorities and academic institutions have created new strategies for the promotion of said underwater cultural heritage, allowing for its inclusion on international networks, which have reinforced its protection and activated its potential, being a socioeconomically valid resource for the Region. Presently, we present these developments and its contributes towards the management and studying of the cultural underwater heritage in Portugal.

Keywords: Underwater Archaeology, Archaeology in the Azores, Heritage management, Cultural heritage promotion.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Os Açores, estão historicamente e geograficamente ligados ao mar. Todo o arquipélago, desde a génese do seu povoamento, foi crescendo económica e demograficamente, com base na sua integração nas grandes rotas marítimas, tornando-se num ponto de escala

essencial à globalização. Os movimentos expansionistas das potências europeias desenvolveram-se em torno dessas rotas, bem como as revoluções sociais do século XIX, os conflitos bélicos mundiais e as redes comerciais.

A cidade da Horta, na ilha do Faial, foi uma das que mais profundamente esteve ligada a essas rotas,

^{1.} Direção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores; jose.lp.neto@azores.gov.pt

^{2.} CHAM – Centro de Humanidades, FCSH, Universidade Nova de Lisboa; jbettencourt.cham@gmail.com

^{3.} Direção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores; luis.cs.borges@azores.gov.pt

^{4.} Direção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores; pedro.tc.parreira@azores.gov.pt

pelas excelentes condições de segurança da sua baía, abrigada de intempéries. Primeiramente reconhecida em 1451, a ilha foi povoada durante as décadas seguintes, sendo o lugar da Horta escolhido para estabelecer o principal centro populacional, pelas aludidas condições naturais. Próxima a um curso de água potável abundante, e em zona relativamente abrigada, plana e com boas condições de acessibilidade ao mar, assumia-se como a escolha óbvia. A utilização da costa englobava duas áreas distintas, uma delas entre a Ponta da Espalamaca e o Monte Queimado, formando a atual baía da Horta, e a outra na enseada natural do Porto Pim.

Nas últimas décadas, através de um esforço multidisciplinar entre arqueólogos, historiadores, mergulhadores e outros especialistas, diversos setores do Governo Regional dos Açores e centros de investigação, têm procurado, em estreita colaboração, desbravar uma parte das histórias desse património. Desde o final da década de 90, por meio de vários projetos pluridisciplinares, o Faial tem sido alvo de trabalhos arqueológicos, que têm permitido melhor compreender a herança cultural relacionada com o mar.

Mais recentemente, nos últimos cinco anos, o arquipélago dos Açores tem assistido ao crescimento exponencial de ações de divulgação, investigação e proteção do seu vasto manancial de património cultural subaquático. Esse trabalho deve-se, em boa parte, à colaboração internacional no projeto *Margullar*, cujo objetivo é o de assumir a vinculação do binómio Património e Turismo, através de trabalhos de arqueologia subaquática e de conservação e preservação do património cultural subaquático, valorizando-o e promovendo-o enquanto ativo económico.

O trabalho de investigação científica permitiu identificar um conjunto de novos sítios de interesse cultural subaquático, levando à criação de roteiros visitáveis e à implementação de estratégias de ação, tais como a realização de intervenções de prospeção subaquática, em vários pontos do arquipélago, e a formação de técnicos especializados, nas vertentes práticas da arqueologia subaquática.

Outra ação desenvolvida no plano de atividades do projeto *Margullar* foi a realização de pesquisa documental no Arquivo Histórico da Marinha. Procurouse levantar dados sobre naufrágios, encalhes e outras pertinentes informações sobre os mares dos Açores. O propósito foi o de angariar material documental para suportar a integração de novos sítios visitáveis no roteiro existente bem como registar outras infor-

mações associadas ao património cultural da Região e a sua fortíssima ligação com o mar (Figura 1).

2. PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO NA ILHA DO FAIAL

Muito antes de serem efetuados trabalhos arqueológicos, com vista à deteção de vestígios de património cultural subaquático, na ilha do Faial, já as autoridades de épocas anteriores demonstraram preocupação em recuperar partes da história de embarcações ali soçobradas. Documentados, até ao momento, encontramos pelo menos dois casos, em momentos muito diferentes da história da ocupação da ilha, e demonstrando duas prioridades distintas.

Se, por um lado, houve a preocupação em recuperar a preciosa carga de uma nau portuguesa seiscentista, com o episódio do afundamento da *Nossa Senhora da Luz*, já amplamente estudado e profundamente analisado, por vários investigadores, o outro caso a que nos referimos, corresponde ao fatídico episódio do navio corsário americano, *General Armstrong*, tendo-se verificado a necessidade de resgatar uma memória, oitocentista, que importava devolver aos interessados (Bettencourt e Dutra, 2015).

Para além dos estudos históricos e arqueológicos já elaborados sobre as duas embarcações a que nos referimos anteriormente, a ilha do Faial, durante a primeira década do século XXI, foi palco de vários momentos de descoberta, e redescoberta, do seu património cultural subaquático. Essas ocorrências centraram-se, essencialmente, na baía da Horta, principal ponto de ancoragem, onde vários investigadores foram, ao longo dos anos, detetando novos sítios de interesse, no âmbito de mergulhos recreativos, mas, principalmente, no contexto da mitigação de impactos associados às obras de ampliação e construção de novas infraestruturas portuárias.

O que primeiro se materializou numa intervenção arqueológica de avaliação de impacte ambiental, no que concerne ao descritor patrimonial, acabou por se desmembrar num conjunto de ações de prospeção, escavações pontuais e monotorização de sítios de naufrágio, que elevaram a baía da Horta a um dos locais com mais relevante interesse para o estudo desse património, no arquipélago dos Açores, mas também a nível nacional. O trabalho, coordenado e efetuado por uma equipa do CHAM – Centro de Humanidades, da Universidade Nova de Lisboa, decorreu de forma faseada, ao longo de vários anos,

tendo-se iniciado em 2008 e terminado, no terreno, em 2013 (Bettencourt, 2016).

Os resultados dessa intervenção, que acabou por se tornar num projeto plurianual de investigação, foram já publicados e disseminados entre a comunidade arqueológica portuguesa. Importa, todavia, relembrar que foram descobertos vários sítios de naufrágio que, devido às suas caraterísticas tipológicas, não foram identificados na documentação histórica, sendo designados pelo acrónimo *BH* (Baía da Horta) seguido do respetivo número.

O começo dos trabalhos levou à sinalização de um sítio de naufrágio de embarcação setecentista, designado BH-001, com mais de uma centena de presas de elefante, exumadas e incorporadas na reserva do Museu da Horta. O estudo dos vestígios materiais detetados na área de dispersão envolvente prosseguiu durante os anos seguintes, até 2012, quando foi possível balizar o afundamento no começo do século XVIII, pela presença de um conjunto vasto de cachimbos fragmentados e algumas peças de cerâmica, com origem inglesa, tipicamente associadas a essa cronologia. Avançou-se com a hipótese de se tratar de uma embarcação britânica, que passara por África, onde recolhera o marfim, e naufragara nos Açores, no primeiro quartel de setecentos (Bettencourt e Carvalho, 2010) (Figura 2).

O acompanhamento das dragagens na bacia de manobra do porto, registou um vasto conjunto de fragmentos de cerâmica, detetando, igualmente, novo sítio de interesse patrimonial elevado, designado como BH-003. Aí, identificou-se um grupo de canhões em ferro, optando-se por efetuar, posteriormente, uma prospeção com recurso a magnetómetro, que se revelou inconclusiva. A retoma dos trabalhos de dragagem permitiu recuperar mais canhões, num total de treze, avançando-se com a hipótese de se tratar de um local de naufrágio de embarcação da segunda metade do século XVIII (Silva e Bettencourt, 2016). Sobre esse local, daremos notícia dos desenvolvimentos (Figura 3).

Para além do conjunto de peças de artilharia, o acompanhamento arqueológico e ações pontuais de prospeção, revelaram a presença de, pelo menos, mais três sítios de interesse arqueológico com possível relação com afundamentos de embarcações, designados como BH-002, BH-004 e BH-005.

Nos sítios arqueológicos em BH-002 e BH-004, detetaram-se vestígios de chaparia metálica antiga, durante as dragagens, que permitiram balizar cronologicamente o material no século XIX, acrescendo ainda vestígios dispersos de madeirame e forro em liga de cobre, técnica que se popularizou no final do século XVIII e se democratizou na centúria seguinte.

Em 2013, novos trabalhos de investigação permitiram registar, de forma mais detalhada, o que se veio a confirmar ser um afundamento, em BH-004. Esse trabalho foi possível, porquanto a zona sinalizada localizava-se fora da área de afetação direta da empreitada. Constatou-se a utilização de madeiras de carvalho, nas balizas, e pinho, no forro. Pela caraterização do sítio arqueológico, levantou-se a hipóte-se de estar associado a uma embarcação oitocentista, que ali soçobrou e foi, posteriormente, alvo de desmonte, para aproveitamento das suas madeiras, algo que acontecia com alguma frequência, no arquipélago dos Açores.

Quanto à área designada por BH-005, a intervenção arqueológica registou - entre outros vestígios que poderão estar, ou não, associados a um afundamento – um mastro, elaborado com recurso a chapas metálicas, rebitadas, em liga de ferro, com um comprimento de cerca de 17 metros. A investigação posterior revelou que se enquadrava numa tipologia naval inserível no final do século XIX, ou começo do XX. Por fim, entre 2012 e 2013, trabalhos adicionais de monotorização e acompanhamento arqueológico na bacia do porto da Horta permitiram registar um novo sítio arqueológico, BH-006. A intervenção arqueológica que se seguiu assentou, numa primeira fase, no registo exaustivo em fotogrametria da estrutura do navio, seguindo-se a exumação de algum espólio arqueológico, para análise, assegurando uma metodologia não intrusiva, e terminando com um trabalho de proteção da estrutura, com areia e rede de polipropileno, uma vez que foram detetados processos de deterioração da madeira da embarcação. Atendendo à presença de elementos de forro com fixação feita com cavilhas em liga de cobre, cronologicamente, o BH-006 corresponderá, muito provavelmente, a uma embarcação do século XIX. Na sequência das análises laboratoriais efetuadas em amostras de madeira exumadas durante os trabalhos de campo, identificou-se a presença de dois tipos distintos, de origem americana. Conjugando os dados apresentados, avançou-se a hipótese de ter sido descoberto um barco associado à história da baleação americana, intrinsecamente ligada ao arquipé-

lago dos Açores (Bettencourt *et al.*, 2017) (Figura 4).

3. PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO VISITÁVEL NA ILHA DO FAIAL

Além dos referidos trabalhos, a investigação arqueológica permitiu, até ao presente, sinalizar seis sítios, ao largo da ilha do Faial, que reúnem as adequadas condições para a sua visitação, pelo público de mergulho, de forma sustentável. Os critérios aplicados, para selecionar esses locais, incluem a sua acessibilidade, a estabilidade estrutural dos vestígios materiais, a segurança dos visitantes e a salvaguarda do património natural associado, entre outros (Figura 5).

3.1. Iate do Morro de Castelo Branco

Comecemos por relatar o episódio mais recente da longa história de tragédias marítimas associadas à ilha do Faial. No dia 12 de maio de 2019, por volta das 10 horas da manhã, encalhou, junto às rochas do Morro de Castelo Branco um iate de recreio, com dois tripulantes. A embarcação navegava com a bandeira da Antígua e Barbuda, tendo sofrido problemas mecânicos que levaram ao seu encalhe.

A tripulação, de origem alemã, foi imediatamente socorrida pelas autoridades locais, da Capitania do Porto da Horta, sendo que, desde logo, iniciaram-se esforços para salvar o navio, e recuperá-lo ao mar. Todavia, e atendendo às condições climatéricas, bem como à violência do embate nos rochedos, que destroçou a estrutura da embarcação, tal não se verificou possível.

Assim, e dando cumprimento às boas práticas adequadas à situação, elementos da Autoridade Marítima Nacional colaboraram na transladação dos vestígios do naufrágio, para zona próxima à costa, mas em profundidade suficiente para impedir a afetação da navegação, criando assim uma área de reserva visitável, associada à já existente Reserva Natural do Morro do Castelo Branco. Em curso, estão os trabalhos para integrar o local no *Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores* (Figura 6).

3.2. O naufrágio da loiça

Primeiramente sinalizado, por trabalho arqueológicos, em 1998, durante uma campanha coordenada por Kevin Crisman (1999), do Institute of Nautical Archaeology da Universidade A&M do Texas, localiza-se no lugar coloquialmente conhecido como Ponta da Greta, no lado nascente do Monte da Guia, um sítio de naufrágio que foi alvo de campanha de prospeção arqueológica subaquática, mais de

duas décadas volvidas, em 2019, por parte de uma equipa da Direção Regional da Cultura, contando com o apoio de José Bettencourt, da Universidade Nova de Lisboa.

O local conhecido como naufrágio da loiça, pela elevada quantidade de vestígios de cultura material presente, é enquadrado por uma seção de casco de navio construído em ferro, a cerca de 33 metros de profundidade. Durante as prospeções, atestou-se a presença de faiança industrial, esmaltada a branco, enquadrável na tipologia conhecida como Opaque white stonewares, produzida desde a década de 1830, e popularizada nas duas décadas seguintes, tendo continuidade até ao final do século (Samford, 2003). Não existem certezas acerca da verdadeira origem desse afundamento, ainda que muitas das circunstâncias do sinistro documentalmente identificado, da embarcação E. H. Oaks, proveniente da Nova Escócia e soçobrado ao largo do Faial, em 1874, sejam concordantes com o observado in situ. O que é certo é que foi assinalado o naufrágio de navio oitocentista, ou de começo do século XX, que reúne condições para integrar o Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores. Futuros trabalhos arqueológicos poderão ajudar a resolver as questões levantadas, acerca da sua proveniência.

3.3. Viana

Na madrugada de 16 de abril de 1994, encontrava-se amarrado no porto da cidade da Horta um navio de pesca, com 75 metros de comprimento e 1485 toneladas de arqueação bruta, abastecido com 430 toneladas de gasóleo no porto de Vigo, alguns dias antes. Tratava-se do *Viana*, um arrastão da Sociedade de Pescas de Aveiro, tripulado por 37 pessoas.

Nesse dia, por motivos nunca devidamente esclarecidos, deflagrou um incêndio a bordo da embarcação, que resultou na morte de um dos tripulantes. A sua posição, no interior do porto, e a substancial carga de combustível, fizeram da situação uma emergência, com possíveis consequências graves. A Autoridade Marítima Nacional, com o apoio da Associação Humanitários dos Bombeiros Voluntários Faialenses, bem como a Corporação de Bombeiros do Aeroporto da Horta e a Proteção Civil acionaram todos os mecanismos disponíveis para assegurar uma resolução segura da iminente catástrofe.

Em colaboração com o Governo Regional e a Universidade dos Açores, optou-se por rebocar o navio até zona segura, para procurar estabelecer um recife na-

tural, sem provocar danos ambientais. Por questões de segurança, avançadas pela Autoridade Marítima Nacional, optou-se por estabelecer esse sítio a uma profundidade de cerca de 46 metros. O trabalho foi efetuado por consórcio privado, tendo depositado o esqueleto da embarcação com a quilha para cima, o que dificulta a visitação do local, porquanto o convés acabou por ficar a mais de 50 metros de profundidade. Não obstante, o Viana enquadra-se no grupo de sítios visitáveis integrados no Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores, sendo o local que reúne as condições mais difíceis para visitação na Região, em paralelo com o naufrágio do Olympia, nos ilhéus das Formigas, ainda que, de acordo com os operadores de turismo local, essas visitas continuem a ser efetuadas, apenas com mergulhadores altamente especializados.

3.4. Pontão 16

Situação semelhante ocorreu com o caso do *Pontão 16*, cujo nome original era *Pontoon 16*. Draga de apoio à construção naval, o navio participou na empreitada de construção do porto da Madalena, na ilha do Pico, na década de 80 do século XX, sendo que, em 2003, estava já parado, não tendo sido possível aferir as circunstâncias que levaram a essa aposentação. Certo é que o seu nome foi avançado por especialistas da Universidade dos Açores, como candidato viável ao afundamento para criação de recife artificial e ponto de visitação de património cultural subaquático.

Assim se procedeu, no dia 5 de dezembro de 2003, junto à Praia do Almoxarife, num fundo de areia, a 26 metros de profundidade. Trabalhos de monitorização do sítio, coordenados pelos especialistas universitários, permitiram verificar que o local não apresentava risco de poluição ambiental e que a estrutura do navio apresentava aumento dos depósitos de areia, propícios aos estudos científicos preconizados. Presentemente, o local, que se encontra arrolado no *Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores*, integra a lista de sítios de visitação proposta pelos operadores de mergulho local aos seus clientes.

3.5. O Núcleo de Canhões da Baía da Horta

Retomando a questão dos trabalhos arqueológicos na baía da Horta, entre 2008 e 2013, importa agora referir que, tanto em BH-001 como em BH-003 foram detetadas peças de artilharia, num total de

dezassete canhões, bem como outros vestígios arqueológicos de maior dimensão, que necessitaram de relocalização, por se encontrarem na área de afetação direta da empreitada de dragagem dos fundos. Assim, o grupo de investigadores responsáveis pela intervenção, em coordenação com as autoridades competentes em matéria de cultura, propuseram a criação de uma reserva subaquática, porquanto a mesma asseguraria a preservação possível das peças, sem as remover do seu ambiente subaquático. O local ficou conhecido como núcleo de canhões da baía da Horta, apesar de lá se encontrarem outras peças diversas, de maior dimensão. O nome deveu-se, naturalmente, ao número considerável de peças de artilharia que foram transladadas até à nova reserva. A reserva visitável situa-se na baía de Entre os Montes, em profundidade variável entre os 15 e os 20 metros. Trata-se de um dos sítios de excelência para o mergulho em património cultural subaquático na ilha do Faial, integrando o Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores.

3.6. Main

Em dias de boa visibilidade, na baía do Porto Pim, junto ao Monte da Guia, qualquer pessoa que por ali passe poderá avistar facilmente a silhueta de uma embarcação, naufragada, a muito baixa profundidade. Trata-se do sítio de afundamento do vapor inglês, *Main*, soçobrado em 1892, após ter aportado, primeiramente, à baía da Horta, com um incêndio a bordo. O episódio marcou a história local, porquanto o navio foi forçado a rumar ao Porto Pim, por estar a colocar em perigo a atividade portuária na Horta, tendo-se seguido um processo de salvamento da tripulação, e tentativa de resgate da sua carga de gado bovino, malsucedida, que acabou com os animais a fugirem por terra, provocando alguns estragos na economia agrícola local.

Os vestígios do *Main* localizam-se a profundidade inferior a 5 metros, tendo-se preservado praticamente todo o costado da embarcação, com várias balizas. Constitui aquele que é, certamente, o sítio de mergulho patrimonial de excelência, na ilha do Faial, porquanto permite visitação por mergulho de apneia, ou com escafandro autónomo, sendo de acesso fácil, feito a partir da costa. Integra o *Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores*. Recentemente, as movimentações marítimas deixaram uma boa parte do naufrágio visível, mesmo a partir de terra, em dias de boas condições meteorológicas (Figura 7).

4. NAUFRÁGIOS DETETADOS NO ARQUIVO HISTÓRICO DA MARINHA, PARA A ILHA DO FAIAL

O Arquivo Histórico da Marinha é dependente organicamente da Biblioteca Central da Marinha. Encontra-se localizado na antiga Fábrica Nacional de Cordoaria, com acesso através da rua da Junqueira, cidade de Lisboa. Remonta a sua existência a 1843, reunindo fundos documentais que, se podem recuar até ao século XVIII, assumem-se, todavia, fundamentais para a investigação nos séculos XIX e XX. Dentro da riquíssima coleção presente no Arquivo, procedeu-se a uma análise do fundo documental dedicado aos naufrágios e encalhes, que abrange os territórios de Portugal Continental, Açores, Madeira, Cabo Verde, Angola, Moçambique, e demais regiões ultramarinas.

Confrontou-se a informação descoberta com os naufrágios já previamente registados, bem como informação referente a questões de gestão dessas questões, sempre associadas ao património cultural subaquático na ilha do Faial.

Na Carta Arqueológica Subaquática dos Açores, publicada, pela primeira vez, em 1999 (Monteiro, 1999), e transposta para Sistema de Informação Geográfica, em 2019, estão inventariados 91 episódios de naufrágio ou encalhe, na ilha do Faial, entre o ano de 1539 e o de 1922.

Através da pesquisa efetuada no referido Arquivo, foi possível detetar, no fundo documental, 24 casos, sendo que, 13 não estavam registados na aludida *Carta*. São eles, por ordem cronológica: 1853 – 4 embarcações não identificadas no porto da cidade da Horta; 1855 – navio americano não identificado no porto da cidade da Horta; 1867 – escuna inglesa na baía da Horta; 1874 – patacho inglês na freguesia do Salão; 1876 – brigue alemão no lugar de Pedras dos Frades; 1879 – barca francesa na baía da Horta; 1887 – escuna portuguesa na baía da Horta; 1898 – embarcação de pesca no porto da Horta e patacho português ao largo do Faial; 1909 – iate inglês na freguesa do Salão.

Assim, constatamos que mais de 50% dos sítios identificados correspondem a naufrágios inéditos, perfazendo um total de 104 registados documentalmente, ao largo do Faial.

Os afundamentos registados no Arquivo Histórico da Marinha estão balizados cronologicamente entre o ano de 1846 e 1909, sendo que não se verifica uma média constante, por década. Destacamos números mais baixos nas décadas de 1860 e de 1880, possivelmente devido a ações como a identificada, no ano de 1868, por parte das autoridades marítimas nacionais, que decretaram o impedimento da navegação entre ilhas, na zona do "triângulo" – correspondente às ilhas do Faial, São Jorge e Pico –, durante os meses de inverno, precisamente com vista a prevenir o número crescente de naufrágios que se verificara em anos anteriores.

Quanto à dispersão geográfica, como seria já expectável, a grande maioria dos naufrágios registados ocorreram no interior da baía da Horta (14), acrescendo mais dois naufrágios na adjacente baía do Porto Pim, outros dois na Ponta da Espalamaca, próxima à cidade, e ainda um outro no lugar de Entre os Montes, também confinante com a cidade. Registaram-se dois episódios ao largo da freguesia do Salão, um no lugar de Pedras dos Frades, e dois casos cuja localização certa não foi registada, encontrando-se apenas a designação genérica de "ao largo da ilha do Faial." A investigação da documentação e histórica assume--se como de fundamental interesse para o estudo do património cultural subaquático. Através das pesquisas efetuadas, a título de exemplo, podemos afirmar que foram várias as embarcações de origem americana assinaladas, que se podem enquadrar nas tipologias assinaladas pelas intervenções arqueológicas em sítios como o BH-004 ou o BH-006.

Ainda que não seja possível avançar com certezas, a multidisciplinariedade é essencial para o desenvolvimento de investigações desse género, que permitem, por um lado, reconstruir o sítio arqueológico, através da sua cultural material, como se de uma máquina do tempo se tratasse, e por outro, reviver a narrativa associada a cada episódio e que integra uma herança universal comum.

5. GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO

O Governo Regional dos Açores avançou, nos últimos anos, com uma estratégia de gestão do património cultural subaquático do arquipélago, assente em três pontos fundamentais: investigação; proteção; promoção. Esse trabalho continua a ser aplicado, presentemente, devidamente adaptado a cada realidade de ilha, uma vez que, não obstante a unidade sociopolítica da Região, cada contexto territorial assume-se como substancialmente diferente.

No caso da ilha do Faial, conforme foi possível atestar nos anteriores capítulos, foram efetuados grandes avanços na investigação do seu património arqueológico subaquático, ao longo das últimas décadas. A descoberta de mais de uma dezena de sítios com interesse patrimonial, e o estudo exaustivo de alguns deles, permitiu trazer novos contributos para a área. Alicerçadas no trabalho já efetuado, foram preparadas estratégias de salvaguarda e divulgação desse património, que vão produzindo resultados cada vez mais bem-sucedidos.

Um dos mais importantes pilares da estratégia de gestão e promoção patrimonial, em curso, prende--se com o estabelecimento de um protocolo de salvaguarda, com a Associação de Operadores Marítimos dos Açores, que definiu as regras de visitação dos sítios arqueológicos subaquáticos, assegurando que os centros de mergulho assumem funções enquanto guardiões desse património, porquanto são essas empresas que regularmente mergulham nos locais. O estrito cumprimento das boas práticas, entretanto publicadas em Manual (Neto e Parreira, 2018), e difundidas entre todos os operadores do arquipélago, bem como junto das delegações da Autoridade Marítima Nacional no arquipélago, certificam que o mergulho é feito de forma segura, sustentável e enriquecedora.

A promoção do património cultural subaquático dos Açores assenta num modelo de criação de conteúdos, para divulgação em diversas plataformas, algumas delas já existentes, e outras em vias de criação. Tendo por base o Roteiro do Património Cultural Subaquático dos Açores, foram preparados sete documentários, com a preciosa colaboração do realizador José Serra, que foram transmitidos pela RTP--Açores, durante o ano de 2018, seguindo-se outros cinco programas, dentro do ciclo denominado Máquina do Tempo, exibidos no final de 2019 e começo de 2020. Essa divulgação, em horário nobre, e nas diversas ferramentas de divulgação digital disponíveis, trouxeram, pela primeira vez, o património arqueológico subaquático da Região à casa de todas as pessoas, mesmo a todas as que nunca mergulharam, ou tencionam mergulhar. Os documentários foram, posteriormente, traduzidos, para divulgação no estrangeiro.

Entre 2019 e 2020, a Direção Regional da Cultura tem vindo a preparar a criação de Centros de Sensibilização do Conhecimento, cujo objetivo é tornar ainda mais acessível esse património aos que não podem mergulhar, e complementar o conhecimento dos que irão ou já foram visitar os sítios. Esses Centros serão equipados com material referente aos mais relevantes episódios históricos associados ao mar, em cada ilha, onde se incluirão os já referidos documentários, bem como painéis expositivos e a exibição de material arqueológico, quando possível. Serão complementados com outros equipamentos, estando prevista a incorporação das novas tecnologias, através da produção de conteúdos em 3D, com o apoio de investigadores nacionais, e de fotomosaicos dos naufrágios. No caso do Faial, encontra-se em fase de finalização o modelo 3D do já mencionado naufrágio do *Main*, na baía de Porto Pim.

A promoção do património cultural subaquático da Região, ao nível internacional, tem sido assegurada por um esforço conjunto, com a Associação Turismo dos Açores, através da participação em feiras da especialidade, tendo, até ao momento, levado os conteúdos complementares produzidos até Lisboa, Loulé, Paris e Düsseldorf.

Em 2019, a estratégia de trabalho do Governo Regional dos Açores, no que concerne à arqueologia subaquática, foi premiada pela UNESCO. O prémio atribuído foi o de *Best Practices in Protection of the Underwater Cultural Heritage*, que tem sido atribuído, ao longo dos anos, às regiões que se destacam na inovação e criação de mecanismos de defesa do património cultural subaquático. O roteiro de sítios visitáveis implementado nos últimos anos, foi também galardoado com a *Marca do Património Europeu*, em 2020, atribuída pela Comissão Europeia a sítios, ou conjuntos patrimoniais que melhor representem a identidade comum europeia, e assegurem as boas práticas da gestão desse património.

A ligação da cidade da Horta, maior centro populacional da ilha do Faial, à sua baía continua a fazer-se sentir no presente, através de instituições centenárias, como o *Peter Café Sport*, ou no seu próprio planeamento urbano, como se constata pela abertura da urbe à sua frente marítima. Esse vínculo é também sentido no que concerne ao património cultural subaquático. Procura-se, cada vez mais, estimular essa relação de proximidade, através das já referidas estratégias de gestão patrimonial. Não esquecendo o trabalho já efetuado anteriormente, prevê-se um futuro onde se afiram os detalhes da implementação desse modelo, que se enquadra na vanguarda do que se tem feito pela proteção e promoção do património cultural subaquático, ao nível mundial.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, José (2008) – A nau Nossa Senhora da Luz (1615) no contexto da Carreira da Índia e da escala dos Açores: uma abordagem histórico-arqueológica. Dissertação de mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BETTENCOURT, José e CARVALHO, Patrícia (2010) – "A história submersa na baía da Horta: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos no "naufrágio do marfim" (primeiro quartel do século XVIII)." In *Actas do V Colóquio "O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX."* Horta: Núcleo Cultural da Horta. pp. 139-152.

BETTENCOURT, José (2012a) — Arqueologia de salvamento em contextos subaquáticos: abordagem preliminar ao caso da baía da Horta (Faial, Açores). *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro: Universidade do Algarve, Promontoria Monográfica 16. Vol. II, pp. 49-55.

BETTENCOURT, José (2012b) – O porto da Horta na História do Atlântico (sécs. XVI a XX) a partir do registo arqueológico: alguns exemplos. *Jornadas do Mar: O reencontro com o mar no século XXI.* Lisboa: Base Naval de Lisboa. pp. 330-336.

BETTENCOURT, José; FONSECA, Cristóvão e SILVA, Tiago (2014) – *Dragagem da bacia de manobra do terminal de passageiros do Porto da Horta, à cota de -8.5m (ZH): Relatório dos trabalhos subaquáticos realizados em 2013 no sítio BH-006.*, Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades.

BETTENCOURT, José António e DUTRA, Márcia (coord.) (2015) – Actas do Colóquio "The Wonderful Battle of the Brig Gen. Armstrong at Faial, 1814": no bicentenário do combate naval ocorrido na Baía da Horta a 27 de setembro de 1814. Horta: OMA – Observatório do Mar dos Açores.

BETTENCOURT, José (2016) – "Coastal construction projects and rescue archaeology: the case of Horta bay (Azores, Portugal)." In NEGUERUELA MARTÍNEZ, I., CASTILLO BELINCHÓN, R. and RECIO SÁNCHEZ, P. (coord.) – *Proceedings of the 5th International Congress on Underwater Archaeology (IKUWA) – A heritage for mankind.* Cartagena: Museo Nacional de Arqueología Subacuática. pp. 120-130.

BETTENCOURT, José *et. al.* (2017) – Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio americano do século XIX. *Arqueologia em Portugal. 2017: Estado da questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1993-2009.

CARDIGOS, Frederico (2015) – Viana. *Carta Arqueológica dos Açores*. Disponível em http://www.culturacores.azores.gov.pt/paa/ca/Default.aspx

CARDIGOS, Frederico (2015) – Pontão 16. *Carta Arqueológica dos Açores*. Disponível em http://www.culturacores.azores.gov.pt/paa/ca/Default.aspx

CARVALHO, Ana e NETO, José Luís (coord.) (2017) – *Guia do Património Cultural Subaquático dos Açores*. Angra do Heroísmo: Turismo dos Açores e Direção Regional da Cultura.

COSTA, Ricardo Madruga da (2011) – "A propósito da Horta dos cabos submarinos. A relevância da ilha do Faial na construção da "Civilização Atlântica". In *O Porto da Horta na História do Atlântico. O tempo dos cabos submarinos.* Horta: Museu da Horta e Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta. pp. 69-80.

COSTA, Ricardo Madruga da (2012) – A ilha do Faial na logística da frota baleeira americana no «século Dabney». Horta: Observatório Marítimo dos Açores.

CRISMAN, Kevin (1999) – Looking for ships: the 1998 Central Azores Shipwreck Survey. *The INA Quaterly*. Texas: Universidade A&M. Vol. 26, n.º 1, pp. 3-9.

FRUTUOSO, Gaspar (1998) – *Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Livro VI.

GARCIA, Ana Catarina e MONTEIRO, Paulo Alexandre (1999) – Relatório final relativo à prospeção arqueológica subaquática no âmbito das obras de ampliação da marina da Horta. Lisboa: Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.

MONTEIRO, Paulo Alexandre (1999a) – O naufrágio da nau da Carreira da Índia Nossa Senhora da Luz: 7 de novembro de 1615, ilha do Faial, Açores. Lisboa: Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.

MONTEIRO, Paulo Alexandre (1999b) — Carta Arqueológica Subaquática dos Açores. Metodologia resultados e sua aplicação na gestão do património subaquático da Região Autónoma dos Açores. 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vila Real: ADECAP/Universidade de Trás-os-Montes. pp. 497-519.

MONTEIRO, Paulo Alexandre (2001) – The Azores Underwater Cultural Heritage: Strategies, Surveys, Excavations and Results (1995-2000). *Proceedings of the 6th Annual Meeting of the European Association of Archaeologists*. Lisboa: Associação Europeia de Arqueologia.

NETO, José Luís e PARREIRA, Pedro (2018) – *Manual de Boas-Práticas do Património Arqueológico Subaquático dos Açores*. Angra do Heroísmo: Direção Regional da Cultura.

SAMFORD, Patricia (2003) – "Post-Colonial Ceramics: White Granite." *Diagnostic Artifacts in Maryland*. Disponível em https://apps.jefpat.maryland.gov/diagnostic/Post-Colonial%20Ceramics/White%20Granite/index-white-granite.html

SILVA, Tiago e BETTENCOURT, José (2016) – "Baía da Horta 3 (Faial Island, Azores, Portugal) – the Cannon Site." In NEGUERUELA MARTÍNEZ, I., CASTILLO BELINCHÓN, R. and RECIO SÁNCHEZ, P. (coord.) – *Proceedings of the 5th International Congress on Underwater Archaeology (IKU-WA) – A heritage for mankind.* Cartagena: Museo Nacional de Arqueología Subacuática. pp. 1034-1035.



Figura 1 – A cidade da Horta, na ilha do Faial. Autor: José Bettencourt.



Figura 2 – Escavação arqueológica no sítio do BH-001. Autor: José Bettencourt.



Figura 3 – Recuperação de peça de artilharia proveniente do sítio do BH-003. Autor: José Bettencourt.



Figura 4 – Trabalhos de registo arqueológico no sítio do BH-006. Autor: Friederike Kremer-Obrock



Figura 5 – Mapa da cidade da Horta com respetiva localização dos naufrágios visitáveis adjacentes. Autor: José Bettencourt.



Figura 6 – Iate encalhado no lugar de Morro de Castelo Branco, Faial. Autor: Souto Gonçalves (imagem retirada do blog "Faial Global").

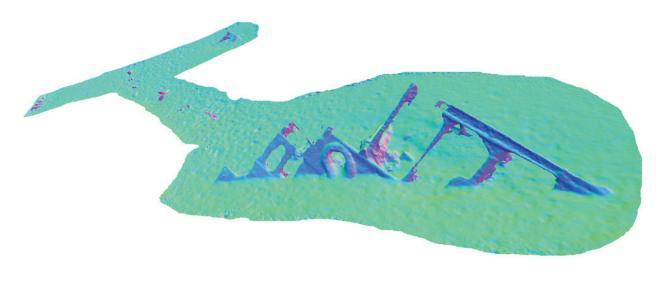


Figura 7 – Reconstituição 3D do sítio de naufrágio do Main. Autor: José Bettencourt.

